

Letícia Gabrielly Soares Araújo¹, Isabella Eliziario da Silva Nobre², Ana Karla Alves de Almeida³,
Mairy Edith Batista Sampaio⁴ e José Eduardo Ferreira Dantas⁵

Professor(a) Orientador(a): Jarbas Ribeiro de Oliveira⁶

Resumo:

O trabalho objetiva relatar as ações de educação em saúde desenvolvidas por universitários em uma comunidade quilombola do agreste alagoano. Estudo descritivo, do tipo relato de experiência baseado nas ações de educação em saúde desenvolvidas em uma comunidade quilombola pelo Projeto de Extensão “DIREITO À SAÚDE, SUS e a saúde da população negra: Fortalecendo a participação popular na Saúde”. A partir de uma metodologia de ensino ativa, a educação em saúde se desenvolveu abordando a saúde da mulher, com ênfase na promoção do autoexame de mama e a realização de exame citopatológicos preventivos, contribuindo com a identificação precoce das neoplasias, evitando o seu agravamento. Os remanescentes quilombolas se mostraram receptivos aos acadêmicos, denotando a carência de atenção pelos profissionais de saúde, devido à ausência de uma Unidade Básica de Saúde dentro da comunidade. A ação contribuiu para a promoção de conhecimentos em saúde, colaborando com o diagnóstico precoce das neoplasias.

Palavras-chave: Câncer de mama; Câncer de colo de útero; Autoexame; Diagnóstico precoce; Educação em saúde.

Introdução:

Desde de sua criação, em 1988, o Sistema Único de Saúde (SUS) busca trabalhar a saúde como algo integral que está para além do aspecto biológico, ou seja, dar voz aqueles que até então foram silenciados por uma medicina puramente voltada para o adoecimento que não considerava os aspectos sociais, econômicos e políticos intrinsecamente ligados ao processo de saúde-doença. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), Educação em Saúde é a combinação de experiências e atitudes de aprendizado planejado com o objetivo de capacitar as pessoas a obterem conhecimento sobre os fatores determinantes e comportamentais da saúde. Em contrapartida ao pensamento de que existe uma dicotomia entre educação e saúde, esses dois pontos se conectam no sentido de que o nível

¹ Discente do curso de Medicina, Universidade Federal de Alagoas, leticia.araujo@arapiraca.ufal.br

² Discente do curso de Medicina, Universidade Federal de Alagoas, isabella.nobre@arapiraca.ufal.br.

³ Discente do curso de Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas, ana.karla@arapiraca.ufal.br

⁴ Discente do curso de Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas, mairy.sampaio@arapiraca.ufal.br.

⁵ Discente do curso de Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas, jose.dantas@arapiraca.ufal.br

⁶ Enfermeiro Doutor, Universidade Federal de Alagoas-Campus Arapiraca, jarbas.oliveira@arapiraca.ufal.br

educacional de cada indivíduo influencia e é influenciado pelas condições de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Destarte, a população quilombola no Brasil foi historicamente marginalizada e negligenciada no que tange a saúde e a educação. Corroborando com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) do Censo de 2010 em que 50,7% da população brasileira é negra. No entanto, essa maioria numérica ainda constitui uma minoria social e, assim, as ações de educação em saúde visam assegurar a efetivação da equidade e o acesso à saúde como um direito para essa população (BRASIL, 2010; IBGE, 2013).

O câncer de colo de útero é a quarta neoplasia que mais causa morte em mulheres e entre os fatores de risco estão o baixo nível socioeconômico, a desigualdade étnico-racial e a dificuldade de acesso à saúde. Na população brasileira esse câncer tem prevalência de 53,66% em mulheres negras e 23,69% em mulheres com apenas 1 a 3 anos de escolaridade, ou seja, isso evidencia como a etnia e o nível de escolaridade estão associados a incidência dessa doença. Isso se explica pela dificuldade de acesso à atenção primária dessa sociedade e, conseqüentemente, a um diagnóstico tardio e um pior prognóstico e sobrevida.

Logo, o desenvolvimento de ações em educação em saúde voltadas para comunidades quilombolas é importante, já que é uma população suscetível ao desenvolvimento das neoplasias, contribuindo assim para torná-las indivíduos ativos no seu processo saúde-doença ao conhecer essa enfermidade, cumprindo o direito à saúde que é assegurado a elas pela Constituição (SOUZA, 2011). Desse modo, o trabalho objetiva relatar as ações de educação em saúde desenvolvidas por universitários em uma comunidade quilombola do agreste alagoano.

Metodologia:

O presente trabalho se caracteriza como um estudo descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência de discentes do 6º e 3º período dos cursos de Enfermagem, Medicina, Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal de

Alagoas - Campus Arapiraca acerca de uma atividade de educação em saúde sobre saúde da mulher, voltada para as mulheres quilombolas de uma comunidade remanescente de quilombo, localizada em município do agreste alagoano. A comunidade em questão está localizada em uma região remota e sua população vive em condições de vulnerabilidade socioeconômica, além de apresentar baixos níveis de escolaridade e renda.

Tais ações estavam sob a égide do Projeto de Extensão “DIREITO À SAÚDE, SUS e a saúde da população negra: Fortalecendo a participação popular na Saúde” e sob a orientação e supervisão de docentes da universidade. A atividade de educação em saúde foi desenvolvida em uma pequena escola de ensino primário, localizada dentro da comunidade quilombola em que foi realizada a ação do projeto. Desse modo, ao chegarem a comunidade os estudantes responsáveis pela ação realizaram uma breve caminhada, com o intuito de conhecer a região e convidar as mulheres para participarem da atividade.

A dinâmica teve por objetivo promover a realização de uma roda de conversa sobre os cânceres de colo do útero e de mama com as mulheres, além de outras temáticas, daquela comunidade, para que estas pudessem expor suas experiências e dúvidas, além de aprenderem de modo coletivo. Nesse contexto, os estudantes foram facilitadores do conhecimento, permitindo assim maior aproximação com o público-alvo. Para auxiliar na condução da roda de conversa os estudantes produziram slides com tópicos e ilustrações que elucidassem o conteúdo abordado, além de panfletos ilustrativos e um momento prático em que foi ensinado como deve ser feito o autoexame das mamas, sendo este demonstrado através de uma mama terapêutica.

Resultados e Discussão:

A educação em saúde teve como temas os cânceres de colo de útero e de mama, tendo em vista que existe maior prevalência destes tipos de neoplasias entre mulheres negras. Assim, considerando a situação de vulnerabilidade social a qual estão expostas as mulheres daquela comunidade, o objetivo da ação consistiu em

disseminar informações acerca da importância das medidas de rastreamento e diagnóstico precoce dos cânceres de colo de útero e mama, bem como a redução do número de maus prognósticos e a partir disso promover a equidade social.

A dinâmica da educação em saúde consistiu na promoção de uma roda de conversa com as mulheres que estavam presentes, o que permitiu aos discentes instigar as participantes a conhecer mais sobre o câncer de colo de útero e de mama, estimulando a troca de experiências. Os tópicos abordados na roda de conversa envolviam a definição do câncer de colo de útero e de mama, seus sinais e sintomas, fatores de risco e prevenção. Após a roda de conversa, os discentes ministraram uma palestra, visando diminuir possíveis dúvidas dos participantes.

Durante a execução da dinâmica, apesar do estímulo à participação, muitas mulheres se mostraram receosas a participar e envergonhadas em relatar suas experiências, evidenciando a vulnerabilidade da população em questão. Aqui é necessário pontuar que a vulnerabilidade dessas mulheres quilombolas não é algo ao acaso, mas sim o reflexo de uma sociedade estruturalmente racista, que acaba por se tornar um determinante social de saúde para esses indivíduos (ALMEIDA, 2019).

Com o decorrer da dinâmica sentiram-se confortáveis para compartilhar suas dúvidas e relatos. Assim, para facilitar a execução da atividade, os estudantes acharam prudente dividir a educação em saúde em dois momentos, de acordo com os temas que seriam abordados. Desse modo, inicialmente foi realizada a discussão sobre o câncer de colo de útero, no qual as participantes demonstraram pouco conhecimento acerca do tema, desconhecendo suas causas e como se prevenir, relatando ainda nunca terem realizado o exame preventivo, mesmo já tendo filhos, e não saber a utilidade deste exame. A partir disso, os discentes guiados através das dúvidas apresentadas, orientaram as participantes acerca dos sintomas do câncer de colo de útero, causas e fatores de risco objetivando o rastreamento precoce, e às instruíram a realizar o exame preventivo, demonstrando ainda seus benefícios e periodicidade necessária.

No desenvolvimento da realização da ação, apresentaram-se cerca de quinze participantes, a maior parte mulheres e crianças. O público-alvo se envolveu ativamente na construção coletiva de conhecimento, compartilhando casos familiares e existentes na comunidade, evidenciando a importância do reconhecimento de sinais e sintomas precocemente para a busca do tratamento. Nesse panorama, compreende-se que a chave para expandir o acesso à saúde e qualidade de vida por parte das mulheres negras está na presença de uma equipe de saúde qualificada e sensível às especificidades dessa população, aliada à projetos educativos (DA CRUZ, 2006).

Já no segundo momento da dinâmica os estudantes abordaram acerca do câncer de mama, inicialmente as mulheres foram questionadas com relação ao que conheciam sobre a doença, se costumavam realizar o autoexame das mamas e se já haviam ocorrido casos da doença na região, como esperado as mulheres conheciam pouco sobre o assunto, informaram não realizar o autoexame e desconhecer como o mesmo deve ser feito e além disso puderam relatar que já houveram casos de mulheres na região que apresentaram “caroços” na mama. Desse modo, os estudantes trouxeram informações sobre o que seria esse tipo de câncer, sua localização, os principais sinais e sintomas e a importância da realização do autoexame das mamas e como isso deve ser feito.

Nesse sentido, os discentes puderam observar que a educação em saúde que foi realizada possibilitou a disseminação de informações importantes com relação a saúde da mulher e principalmente sobre temas que as mulheres daquela comunidade desconheciam, desse modo colaborando para a redução das desigualdades e possibilitando que futuramente possa haver a redução no número de maus prognósticos relacionados às doenças abordadas.

Ainda que as últimas décadas da história brasileira tenham sido marcadas por avanços no acesso aos direitos sociais, sabe-se que determinadas populações continuam sendo marginalizadas e, por vezes, até discriminadas em ambientes de promoção de saúde (BRASIL, 2010). Esse cenário é ainda mais alarmante quando a

população em questão é formada por mulheres quilombolas, tradicionalmente colocadas na periferia da sociedade e submetidas ao papel exclusivo de cuidadoras, enquanto possuem seus cuidados em saúde negligenciados, para assim cumprir o papel social a qual lhes é definido (HINTZE, 2021).

Partindo desse pressuposto, compreende-se a importância de ações que levem informações de maneira didática, dialógica e acessível, a partir de discussões que proporcionem a construção coletiva de conhecimento, acerca do autocuidado, prevenção e diagnóstico precoce de doenças prevalentes no público citado. Além de propiciar espaços abertos para educação em saúde, a modalidade roda de conversa, nos moldes propostos por Freire (1987), foi capaz de criar um cenário acolhedor para o compartilhamento de experiências e retirada de dúvidas, sem que houvesse julgamentos.

Vale destacar a relevância de uma equipe multidisciplinar para realização da ação em questão, uma vez que saúde é um conceito amplo, o qual engloba muitas demandas do sujeito. Desse modo, ter uma discussão direcionada não somente apenas para os aspectos biológicos, mas contando com as contribuições de discentes do curso de psicologia e serviço social engrandeceu o debate, maximizando a visão holística do indivíduo.

Conclusões:

A saúde da população quilombola sofre impactos de um contexto histórico e social de discriminação, onde esses indivíduos são privados de seus direitos constitucionais. Nesse contexto, ações como a realizada contribuem para a promoção de conhecimento e autonomia para esses indivíduos, ao tempo que colaboram com a formação de profissionais de saúde com uma visão ampliada da população que irão atender durante a sua prática profissional, possibilitando a articulação de saberes para a construção e condução dessas ações. Cabe ressaltar que, apesar dos benefícios causados pelas ações realizadas, estas possuem seu efeito limitado, dado que a educação em saúde é um processo constante e que deve ser sempre realizado de maneira dialógica.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019

BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento?** Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. 1. ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.73 p. : il.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política do SUS**. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

IBGE. Características étnico raciais da população: Classificação e identidades. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 16 jan. 2013. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf&ved=2ahUKEwiCt9z7-7H9AhXpJLkGHeS7AaswQFnoECBUQAQ&usg=AOvVaw1g4Mke6yMBME1X5FAKP0gV>. Acesso em: 22 fev. 2023.

DA CRUZ, I. C. F. Saúde da mulher negra. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 1, p. 201-207, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HINTZE, H. **Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira**. Paco e Littera, 2021.

SOUZA, A. S. P. de. Diferenças raciais na mortalidade por câncer de colo de útero no Brasil: . . In: USP - Universidade de São Paulo. Teses USP. São Paulo, 1 nov. 2011. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-06072020-153519/publico/AllexSanderPorfirioDeSouzaVersaoCorrigida.pdf&ved=2ahUKEwjN6fGb_bH9AhUqArkGHXZpAkQQFnoECAkQAQ&usg=AOvVaw0xP43mIORRgCpj57vOqMdE. Acesso em: 21 fev. 2023.